

# Breve nota de introdução à metodologia de investigação<sup>1</sup>

Marc Jacquinet

Abril de 2021

Nesta breve nota, vou seguir os passos que Raymond Quivy, um antigo professor meu de faculdade, seguia para organizar os vários passos de metodologia científica para trabalhos académicos nas ciências sociais.

Não se substitui ao papel do ou da orientador(a). Deve ser acolhido como um guião ou uma espécie de checklist ou roteiro dos vários passos e poder perceber onde se situa, sem adoptar uma aplicação mecânica ou sem critérios. É importante aplicar os vários passos numa abordagem global e reflexiva em que o aluno constrói os seus conhecimentos e elabora o seu trabalho em permanente interacção com a matéria de estudo e com os outros indivíduos ou grupos da comunidade académica, que é também uma comunidade de aprendizagem..

Limito-me a uma abordagem simples e prática que permite a elaboração de um projeto de dissertação de mestrado ou de tese de doutoramento ou ainda um projeto de investigação para uma agência financiadora.

Vamos antes de pensar nos vários passos refletir sobre as dificuldades de investigação na parte inicial. seguindo os conselhos de Quivy e van Campenhoudt (1998). Os autores sublinham o aspeto caótico da investigação, nomeadamente na sua parte inicial (Quivy e van Campenhoudt 1998: 19-21).<sup>2</sup>



Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC 4.0)

---

<sup>1</sup> Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional

Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC 4.0)

<sup>2</sup> Neste texto as referências que mencionam às páginas são sempre da obra traduzida para português dos autores (Quivy e van Campenhoudt 1998). Posso referir - mas com indicação no texto - outras edições do livro, nomeadamente as mais recentes em francês, a quarta ou a quinta edição, respectivamente de 2007 e 2019.

De acordo com Quivy e van Campenhoudt, o investigador deve evitar as três armadilhas seguintes (1998: 20-24) que são também **três problemas de método**:

1 - A "gula de livros [**gula livresca**] ou estatísticas":<sup>3</sup> este é o facto de ler numerosos artigos ou livros sem selecção prévia e sem saber realmente o que se procura. Esta armadilha deve ser evitada, pois na maioria das vezes leva ao desânimo. É necessário preferir "a lei do menor esforço", uma regra essencial do trabalho de investigação;

2 - O "**impasse das hipóteses**": este é o facto de se apressar a recolher dados antes de ter formulado hipóteses. Isto também deve ser evitado no âmbito de um projecto de investigação, onde, pelo contrário, se deve sempre assegurar cuidadosamente cada etapa da investigação antes de passar à etapa seguinte. Trata-se de uma fuga;

3 - "A ênfase que obscurece" ou "Obscurecendo a ênfase": é preciso evitar exprimir-se de forma pomposa e ininteligível sobre o próprio projecto de investigação porque se perde a si próprio e o significado da própria investigação.

Assim sendo, para além de evitar estes três problemas, é preciso ainda refletir sobre as sete etapas da investigação que os autores indicam (1998: 24-28). Referindo-se a Gaston Bachelard, "o facto científico é conquistado, construído e verificado", ou seja, conquistado sobre os preconceitos, construído pela razão (em sentido relativamente amplo) e verificado nos fatos (Quivy e van Campenhoudt 1998: 25).

Assim há três actos na constituição do conhecimento e da investigação que são interligados: a ruptura (ir além de preconceitos - etapas 1 a 3), construção (etapas 3 e 4) e a verificação (etapas 5, 6 e 7). Podem ver esta articulação na figura seguinte (Figura nº 1).

---

<sup>3</sup> A expressão gula livresca é mais adequada e fiel ao original (*gloutonnerie livresque*) e aponta para um comportamento indesejável, que só conseguimos identificar pessoalmente ou passado algum tempo (precioso) ou depois de ter tido uma conversa com um mentor, orientador, colega, amigo ou familiar.

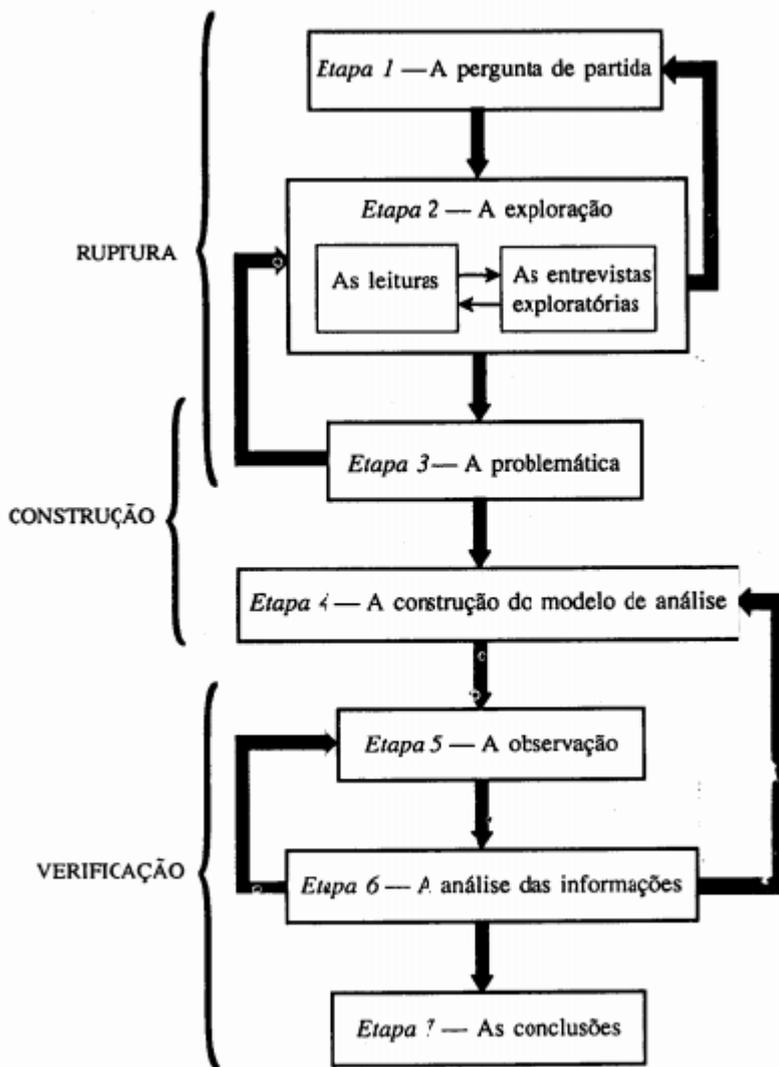


Figura nº 1: As etapas do procedimento. Fonte: Quivy e van Campenhoutd 1998: p. 27.

A abordagem deve ser sempre a mesma, ou seja, em três actos, que são :

- romper com as nossas ideias preconcebidas - etapas 1, 2 e 3;
- construir a investigação (elaborar propostas explicativas do fenómeno estudado, prever e preparar um plano de investigação, as operações a realizar e as consequências ou resultados a esperar) - etapas 3 e 4;
- experimentar (ou avaliar ou testar) a investigação (testar a investigação, confrontá-la com a realidade, isto é aproximá-la da realidade do objeto de estudo) - etapas 5, 6 e 7.

Estes três actos (romper, construir e experimentar) são subdivididos num total de sete fases, que constituirão a arquitectura investigação realizada pelo estudante. Todas estas fases são

indispensáveis e mutuamente dependentes. Não se pode realizar uma boa observação (etapa 5) sem ter elaborado previamente um bom modelo de análise (etapa 4).

O importante, antes de passar no ponto 1 do tema e da pergunta de partida é fazer uma pausa e refletir sobre o tema e o processo antes de passar à acção. Visa também evitar os três problemas preliminares de método.

Aconselho escrever e pensar no que quer fazer, discutir com colegas, amigas e amigos e professoras e professores, e, no caso de já ter um, com a ou o orientador(a). É importante tomar nota, visualizar e discutir e até ler em voz alta. Mas nada melhor a discussão e a confrontação com a opinião de outros. Podemos passar aos sete passos da investigação.

### Etapa 1: Definição da pergunta inicial

Aconselho aqui, tal como os autores (pp. 48-86), formular o projecto de investigação sob a forma de uma pergunta, que obriga o investigador a clarificar as suas próprias intenções e perspectivas espontâneas, e a romper com preconceitos e pré-noções (ver Durkheim a este respeito).

Para se aguentar, esta questão inicial deve satisfazer pelo menos três critérios de qualidade:

- Em primeiro lugar, a clareza: a questão de investigação deve ser precisa e concisa;
- Em segundo lugar, a viabilidade: a questão e a investigação que daí resulta devem ser realistas e em relação com os recursos disponíveis;
- Em terceiro lugar, a relevância: deve ser explicativa, elucidativa e não normativa ou preditiva. Este aspecto questiona a posição do investigador (quer ele ou ela demonstrar ou simplesmente saber?).

As hipóteses que surgirão posteriormente serão tentativas de responder a esta pergunta inicial.<sup>4</sup>

O investigador deve evitar referir-se a o que deve ser e tentar refletir sobre a realidade social, ambiental, ou qualquer que seja e que é objeto da investigação.

### Etapa 2: Exploração

Nesta parte, Quivy e van Campenhoudt (1998: 49-86, 2019) lembram-nos que todo o trabalho de investigação faz parte de um continuum e que é, portanto, aconselhável situar o trabalho dentro de quadros conceptuais reconhecidos. O investigador deve ir além das interpretações estabelecidas e propor novas ideias e vias de reflexão, uma abordagem "penetrante" do assunto. Espera-se uma certa originalidade no tema e como é explorado.

---

<sup>4</sup> Abordar questões normativas, do tipo “devemos tomar uma medida que restrinja o uso de..., o consumo de ...” é preciso ir por etapas e identificar os fatores e os processos que são subjacentes à questão normativa. Aqui há um esforço muito maior.

A qualidade do questionamento dependerá, em primeira instância, das leituras e da sua qualidade. Devem estar ligados à questão inicial e dizer respeito a textos diversificados (diferentes interpretações, ângulos originais, textos práticos ou teóricos) e que dão lugar a reflexão (propondo assim elementos de análise e interpretação), ingeridos em "pequenas rajadas de 2 ou 3 livros" para evitar qualquer "indigestão de informação".

Nesta fase ajuda elaborar resumos das leituras e sistematizar a informação e os documentos recolhidos.

Numa segunda fase, ou em paralelo, os autores recomendam não esquecer o contacto com a realidade, através de contactos informais ou entrevistas devidamente preparadas. Estas fontes "vivas" ou casos práticos são também uma mina a explorar. Aqui pode ser valioso realizar uma entrevista de um especialista do tema, se tiverem essa possibilidade.

### Etapa 3: O problema de investigação ou problemática

Quivy e van Campenhout (1998: 89-106) definem simplesmente o problema de investigação como "a abordagem ou perspectiva teórica que se decide adoptar para abordar o problema colocado pela questão inicial".

Para definir esta última, sugerem que se proceda em três fases:

- 1 -Primeiro, fazer um balanço: trata-se de fazer um inventário dos pontos de vista já adoptados sobre o assunto, identificando as ligações (ou oposições) entre estes pontos de vista e, em seguida, destacar os quadros teóricos, implícitos ou explícitos, de cada um deles;
- 2 - A seguir, para se dar um enquadramento problemático ou teórico: à luz do inventário que acaba de ser realizado, o investigador pode agora escolher o seu enquadramento teórico, quer pedindo-o emprestado a um dos autores lido - muitas vezes a solução mais sábia - ou propondo uma nova solução. Em qualquer dos casos, este quadro deve estar o mais próximo possível da questão original e das informações obtidas a partir das entrevistas exploratórias e das estatísticas obtidas. Este quadro terá um duplo objectivo: ajudar a reformular/clarificar a questão inicial (que assim se tornará definitiva) e fornecer uma base para as hipóteses que tornarão possível responder à questão inicial;
- 3 - Finalmente, para explicitar esta problemática: este último passo consiste, em suma, em reformular o quadro problemático ou teórico para o tornar próprio. O investigador estará então em condições de construir o seu modelo analítico.

### Etapa 4: Construção do modelo de análise

Este modelo ou quadro analítico é definido como um conjunto de conceitos e hipóteses associadas (pp. 109-151). Embora os autores façam a distinção entre conceitos principais e secundários e hipóteses centrais e complementares, indicam também que o progresso do trabalho exploratório permitirá muitas vezes identificar os conceitos e hipóteses principais. Este quadro pode ser desenvolvido de duas maneiras: começando com as hipóteses e

terminando com os conceitos, ou adoptando a abordagem oposta (conceitos primeiro e depois hipóteses).

Numa primeira fase, a construção de conceitos (ou conceptualização) é abordada pelos autores através de uma definição do conceito (que pode ser dividida em grandes dimensões, possivelmente divisíveis em componentes para conceitos complexos, e em indicadores observáveis no terreno).

Os autores distinguem então entre dois tipos de conceptualização:

1 - A conceptualização indutiva parte do campo, o que permite a elaboração de conceitos operacionais isolados e segue uma lógica analítica e indutiva para voltar aos conceitos e à problemática;

2 - A conceptualização dedutiva faz o contrário e baseia-se em conceitos sistémicos pré-existentes dos quais deduz hipóteses que tentamos confirmar ou negar no terreno.

Os autores estabelecem uma hierarquia nestes tipos de conceptualização, colocando conceitos sistémicos no topo da lista, seguidos de conceitos operacionais isolados e depois preconceitos ou preconceitos, conscientes ou não, a serem evitados a todo o custo!

Esta secção termina com uma explicação da construção de hipóteses, respostas provisórias à pergunta inicial antecipando uma relação entre dois termos (os fenómenos observados ou os conceitos invocados). Uma ou mais hipóteses podem ser retidas, e vários factores devem ser tidos em conta pelo investigador:

- é frequentemente necessário formular várias hipóteses e, conseqüentemente, definir um modelo de análise para as articular logicamente entre elas (novamente por indução ou dedução) ;
- a(s) hipótese(s) deve(m) ser testada(s) contra dados observacionais ou experimentais (fase de verificação empírica). A hipótese deve portanto ser observável, por um lado, e, por outro, não deve basear-se em noções pré-concebidas ou preconceitos;
- finalmente, a hipótese deve paradoxalmente ser "falsificável", ou seja, ter um alcance geral e universal e, portanto, ser reproduzível noutra lugar... e possivelmente invalidada, no todo ou em parte (oponibilidade ou falsificação da hipótese por uma afirmação contrária). A verdade (relativa) desta hipótese será afirmada enquanto todos os seus opostos permanecerem falsos.

Uma nota de precaução. Se o estudante ou investigador adoptar um modelo de análise interpretativa em que tenta aprofundar o sentido, as percepções dos atores sociais, valerá a pena interrogar quem estiver a aconselhar o seu trabalho de investigação para saber que tipo de postura e de modelo de análise adoptar. Não há soluções únicas. Pode adoptar também uma metodologia mista. No entanto, é preciso manter a clareza da abordagem e da questão de investigação.

#### Etapa 5: A observação

Os autores começam esta secção recordando dois pontos óbvios, uma dupla necessidade: a de definir claramente o campo de observação - no tempo, no espaço geográfico, no espaço social

- e a de definir a margem de manobra do investigador - que prazos, que recursos, que contactos...

Em seguida, abordam o cerne do problema - a definição da amostra - e mencionam as três possibilidades abertas ao investigador: estudar a totalidade de uma população, uma amostra representativa desta população ou, por fim, componentes que não são estritamente representativos mas característicos desta população. A observação real é então discutida de todos os ângulos: o tipo de observação (directa ou indirecta) e as três fases clássicas de concepção do instrumento de observação, teste do instrumento e recolha dos dados.

Quivy e Campenhoudt (1998 e 2019) concluem revendo os quatro métodos de recolha de informação (e os critérios para escolher o mais apropriado): o inquérito por questionário, a entrevista, a observação directa e a recolha dos dados existentes.

Existem outros métodos como o grupo de foco (focus group), entrevistas mais complexas, abordagens multi-sítios (ou abordagens multi-situadas) e métodos mistos.

Ainda acrescento que se pode complexificar as etapas 4 e 5 com uma abordagem meta-teórica como o realismo crítico, que tenta ancorar a investigação na realidade de um modo mais complexo.

#### Etapa 6: Análise da informação e dos dados

Esta parte essencial é abordada por um lembrete do que esta análise deve ser: uma declaração de que a informação recolhida corresponde às hipóteses iniciais. Se não o fizer, é necessário rever as hipóteses - graças a testar variáveis baseadas nas hipóteses secundárias - e clarificá-las.

Em termos concretos, o livro começa por fornecer instruções para a análise de dados: preparação (descrição precisa, agregação se necessário), análise das relações entre variáveis, comparação dos resultados observados com os resultados esperados e interpretação das discrepâncias. Os autores analisam então os dois principais métodos de análise da informação, nomeadamente a análise de dados estatísticos e a análise do conteúdo.

#### Etapa 7: Concluir a investigação

No conjunto da obra, esta parte essencial da investigação é abordada metodicamente, em três fases.

Para os autores, esta conclusão deve ser, em primeiro lugar, um lembrete das principais linhas de abordagem do investigador: um lembrete da questão inicial na sua formulação final; uma apresentação das principais características do modelo de análise; uma apresentação do campo de observação, dos métodos utilizados e das observações feitas; e, por fim, uma comparação dos resultados esperados por hipótese e dos resultados obtidos + um lembrete das principais interpretações das diferenças.

Em segundo lugar, serão apresentados os novos conhecimentos adquiridos com a investigação realizada, tanto em relação ao objecto de análise como em relação a novos conhecimentos teóricos. Neste segundo ponto, é importante ver o objetivo da investigação e o que foi conseguido, sem extravasar para extrapolações.

Finalmente, estas conclusões podem abordar as linhas de acção sugeridas pelas análises. Aqui pode ser referidas as perspectivas futuras em termos de investigação que ainda fica por fazer.

## Conclusões

É importante salientar que os autores adoptam uma abordagem da sociologia fundamentada em individualismo metodológico, focando assim a recolha da informação e dos dados dos indivíduos como membros de grupos, organizações, comunidades, famílias e sociedades. Esta abordagem nas ciências sociais é necessária mas pode não ser suficiente, nomeadamente se a investigação abranger instituições e fenómenos culturais ou ambientais mais complexos. Aconselho ser coerentes nas articulações entre metodologias e pensar em métodos interdisciplinares ou complexos onde há potencialidades (Jacquinet 2021: Jacquinet e Caetano 2010 e 2015; Caetano, Curado & Jacquinet 2000).

[Versão ainda em revisão, será publicada em breve no repositório da Universidade Aberta, em [https://repositorioaberto.uab.pt/browse?type=author&authority=79e6af98-2419-4aeb-b948-25d8638b27a6&sort\\_by=2&order=ASC&rpp=100&etal=0&submit\\_browse=Update#](https://repositorioaberto.uab.pt/browse?type=author&authority=79e6af98-2419-4aeb-b948-25d8638b27a6&sort_by=2&order=ASC&rpp=100&etal=0&submit_browse=Update#) ]

## Referências primárias utilizadas

Quivy, Raymond and Luc van Campenhoudt (1998): Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva- Este livro está disponível na Tela (Internet) no endereço seguinte.

<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2018/09/quivy-manual-investigacao-novo.pdf>

Existe também um resumo em francês em

[http://rb.ec-lille.fr/recherche/Manuel\\_de\\_recherche\\_en\\_sciences\\_sociales.PDF](http://rb.ec-lille.fr/recherche/Manuel_de_recherche_en_sciences_sociales.PDF)

Descrição da edição de 2019 em

<https://www.dunod.com/sites/default/files/atoms/files/9782100765416/Feuilletage.pdf>

## Outras referências

Caetano, JC, H Curado and M Jacquinet (2000): "On transdisciplinarity in organizations, innovation, and law," Transdisciplinarity: Joint problem-solving among science, technology and society. Workbook I: Dialogue Sessions and Idea Market, 1, pp. 528-33.

Jacquinet, Marc (2021) Problemas complexos (wicked problems) e desafios de gestão, Lisboa, Universidade Aberta, <http://hdl.handle.net/10400.2/10445>

Jacquinet, Marc; Caetano, João Carlos Relvão - *Complexidade* [Em linha]. [Lisboa] : Ed. Autor, 2015. 6 p. <http://hdl.handle.net/10400.2/5129>

Jacquinet, Marc e Caetano, João Carlos (2010) Verbetes “Complexité” em Dictionnaire de la globalisation, coordenado por André-Jean Arnaud, Paris, Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence– LGDJ, 2010, em co-autoria com João Carlos Relvão Caetano; ISBN: 2275033637, <http://hdl.handle.net/10400.2/10558>